



A Necrofilia da Arte

Richard Dinkchaysen

No mundo da indústria fonográfica, vem ocorrendo nas últimas duas décadas, um fenômeno muito interessante. Quase todos os anos, artistas que já não se “encontram entre nós” continuam a figurar entre os nomes mais rentáveis para o mercado fonográfico.

Temos como exemplos Elvis, The Beatles e Jimmy Hendrix. O trio figura todos os anos entre os artistas que mais faturam em vendas de cds, licenciamentos de produtos (camisetas, sabonetes, pentes etc). Essa mórbida paixão é um fenômeno característico da chamada indústria cultural.

O que chamamos de indústria cultural surge como fenômeno da revolução industrial. E esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (cultural), que se organiza sob os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina: a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho. Estes são alguns traços marcantes da sociedade capitalista neoliberal, onde é nítida a oposição de classes e em cujo interior começa a surgir a indústria do entretenimento.

Dois desses traços merecem uma atenção especial: a reificação (ou transformação em coisa: a coisificação) e a alienação. Para essa sociedade, o padrão maior (ou único) de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto, a propriedade: tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa – inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado do seu trabalho, trocado por um valor em moeda menor que às forças por ele gastas; alienado do produto de seu trabalho, que ele mesmo não pode comprar, pois seu trabalho não é remunerado à altura do produzido; alienado, enfim, em relação a tudo, alienado de seus projetos, da vida do país, de sua própria vida, uma vez que não dispõe de tempo livre, nem de instrumentos teóricos capazes de permiti-lhe a crítica de si mesmo e da sociedade.

Neste ambiente, também a cultura – feita em série, industrialmente, para o grande número – passa a ser vista não como instrumento de crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido da mesma forma que se consome qualquer outra coisa. Passa a ser um produto feito de acordo com as normas gerais em vigor: produto padronizado, como uma espécie de kit para montar, feito para atender a gostos médios de um público que não tem tempo para questionar o que consome.

Para finalizar acompanhe os seguintes números sobre Elvis Presley:

Em 12 de agosto de 1992 (Elvis faleceu em 1977), numa cerimônia oficial que contou com a presença do organizador de “ELVIS – O EVENTO”, a RIAA (Recording Industry Association of América), entidade que coordena o mundo fonográfico, reconheceu Elvis como o “Maior artista da música em todos os tempos”, Título Simbolizado por uma escultura em cristal oferecida ao espólio, pela venda superior a 1 bilhão de cópias em todo o mundo. Esta marca oficial e recordista é superior a

todo e qualquer artista solo ou grupo na história da música. Na mesma data foi promovidas uma atualização dos certificados de discos de ouro (500 mil cópias), platina (1 milhão) e multi-platina (2 milhões ou mais) recebidos por Elvis, classificando-o como recordista com 110 certificados (ouro + platina + multi-platina). Seu total de agosto de 2003 (quando nova atualização foi promovida e será computada) é de 140 certificados, contra 41 dos Beatles, 39 dos Rolling Stones e 37 de Barbra Streisand e Elton John, seus mais próximos concorrentes.

Esta atualização ainda não reflete os números das vendas de Elvis, que se estivessem regularizados apresentariam outros 132 certificados, perfazendo o inatingível total de 272. Em outras palavras, mais de cinco vezes a vendagem do 2º colocado (Beatles) ou 118 certificados a mais que a soma de seus mais próximos concorrentes (igualmente em números até agosto/2003). Vale dizer que sendo estes números de 1992 e com diversos títulos lançados desde então, com vendas igualmente significativas, esta diferença é crescente. Como curiosidade, é interessante mencionar que todos os chamados “concorrentes” de Elvis já manifestaram uma ou mais vezes sua profunda admiração, por vezes adoração a ele.

Em agosto de 1999, Elvis recebeu o título de “ARTISTA DO SÉCULO”, pela mesma RIAA. E ainda, como se vender mais discos do que qualquer outro artista ou grupo na história já não fosse o bastante, o ano de 2002 – 25 anos após sua morte – tornou-se o mais bem sucedido de toda sua carreira. O disco “Elvis 30#1 Hits” foi o vendedor mais rápido de sua carreira, com 9 milhões de cópias vendidas em apenas alguns meses. O disco chegou ao número 1 em 26 países (inclusive o Brasil), assim como o remix de “A Little Less Conversation” –, incluindo seu correspondente vídeo clipe.

A JANELA ECONÔMICA é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.